

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.



Candidata: Maria do Carmo de Souza

Paper 5 – Florianópolis, 31 de julho 2023.

O sonho no espaço analítico: um diálogo com o inconsciente

Como o sonho constitui uma expressão extremamente frequente e normal da psique inconsciente, é ele que nos fornece a maior parte do material empírico para a exploração do inconsciente - Jung (OC 8/2 § 544).

Propõe-se, neste trabalho, compreender o sonho e sua função psicológica. Pretende-se, também, entender sua influência no processo analítico, quando o paciente passa a observar os conteúdos oníricos e apresentá-los no *setting* terapêutico.

Segundo Jung (OC 8/2 § 443), o conceito de sonhos “é uma criação psíquica que, em contraste com os conteúdos habituais da consciência, se situa, ao que parece, pela sua forma e seu significado, à margem da continuidade do desenvolvimento dos conteúdos conscientes”, que, no entanto, possui um sentido e uma finalidade em relação à consciência. Partindo desta visão, Jung (OC 8/2 § 451) esclarece que “[...] sob o ponto de vista de sua finalidade, tem um sentido e um alcance que lhe são próprios dentro do processo psíquico”. É importante esclarecer, também, que tal ponto de vista não se trata de teleologia¹,

¹ Conforme o dicionário Houaiss (2001, p. 2687, grifos meus), *teleologia* significa qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade, considerando a *finalidade* como o princípio explicativo fundamental na organização e nas transformações de todos os seres da realidade.

doutrina que identifica a presença de metas e está a nível consciente. Assim, Jung (OC 8/2 § 456) reforça que “por finalidade pretendo simplesmente designar a tensão psicológica imanente dirigida a um objetivo futuro”.

As mensagens oníricas não podem ser compreendidas pela racionalidade, pois elas brotam de um solo que pertence à natureza. A ressonância que o efeito do sonho alcança e a forma como nos afeta não pode ser traduzida pela palavra, pois os recursos linguísticos são limitados para traduzir as mensagens da alma, pois esta é imagética. E por ter essa característica passa sua mensagem tanto para o homem erudito como para um analfabeto.

Nesta perspectiva, Jung (2008, p. 19) esclarece que, “assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”. Para compreender os sonhos é preciso das associações pessoais do sonhador, mas quando o significado não pode ser obtido através deste, se faz necessário conhecimento de alquimia, mitologia, para traduzir os símbolos constelados.

Seguindo esta linha de raciocínio, Johnson (1989, p. 69) relata que “cada símbolo é calculado para nos despertar, para nos alertar. Ele está organicamente associado a sistemas profundos de energia, nos substratos do inconsciente”. Isto é, nas dimensões arquetípicas. Hall (1983, p. 45) entende que “o arquétipo é um aditamento caracteristicamente junguiano ao campo geral da interpretação dos sonhos”, visto que suas energias representam a herança psíquica da humanidade e exerce uma função significativa no processo de individuação².

Portanto, na amplificação dos sonhos, devemos estar atentos para o momento em que a associação dinamiza a energia do paciente. É quando clarifica para ele suas questões relacionadas na vida desperta.

Após analisar uma sequência de sonhos, podemos observar temas recorrentes, com a finalidade de auxiliar na realização da psique.

Por ser de natureza inconsciente, a atividade onírica também exerce funções de compensação e complementariedade em relação à consciência, o

² De acordo com Jung (OC 7/2 § 266), “Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável”.

que assevera Jung (OC 8/2 § 456), ao dizer que “[...] todos os sonhos têm um caráter compensador em relação aos conteúdos conscientes”. Nesse sentido, o terapeuta precisa estar bem-informado sobre o que está acontecendo no nível da consciência do analisando, para poder compreender as funções compensatórias ou complementares.

O que é confirmado por Hopcke (2012, p. 31), quando relata que “Jung concebeu a psique como um mecanismo interno complicado que tem a função de regular o fluxo de pensamentos e emoções”. Isso nos remete a pensar que o sonho é uma tentativa de comunicação entre natureza instintiva e pensamentos lógicos; do irracional para o racional trazendo o que está oculto para a superfície da consciência. Muitos sonhos parecem absurdos pois, na visão de Jung (OC 8/2 § 445), “em geral, é totalmente estranha ao nosso modo realista de pensar”, por vivermos de forma unilateral. Isto é, quando o indivíduo se orienta apenas por um lado da psique e despreza o outro. Neste caso, Jung (OC 8/2 § 488) adverte que “quanto mais unilateral for a sua atitude consciente, e quanto mais ela se afastar das possibilidades vitais ótimas, tanto maior será também a possibilidade de que apareçam sonhos vivos de natureza fortemente contrastantes como expressão da auto regulação psicológica do indivíduo”.

Por via desses conceitos, percebe-se que o sonho oportuniza incorporar elementos ainda desconhecidos, e com a participação da consciência, após a compreensão dos símbolos, ocorre integração dos componentes inconscientes. Este é o principal objetivo da análise junguiana: caminhar em direção à totalidade da psique, embora nunca se chegue ao final do caminho. Nem o paciente nem o terapeuta, este apesar de suas orientações teóricas, consegue compreender os fenômenos ocultos da psique, pela via do intelecto, que, por pertencer à consciência, possui sua limitação.

Portanto, a ampliação dos sonhos acessa um campo psíquico um tanto desconhecido, mas que pode tirar o véu da obscuridade racional, para quem quer aprofundar-se em seu autoconhecimento. Partindo da ideia de Johnson (1989, p.64), “o inconsciente tem, em si mesmo, as referências para cada símbolo que produz; portanto, a linguagem simbólica pode ser decodificada” e esta é a tarefa do analista.

Considerações finais

O sonho é uma atividade criativa, que nos oferece depoimentos sobre o funcionamento da dinâmica psíquica. Serve de base para o autoconhecimento por revelar elementos não acessíveis pela consciência, de forma direta. Na perspectiva da psicologia analítica, o método utilizado para análise dos sonhos se utiliza da amplificação dos elementos oníricos, que se apresentam através de imagens. Para compreender essas mensagens, o analista precisa conhecer a linguagem dos símbolos, não para interpretá-los, mas para poder expandir as possibilidades de investigação, junto com a percepção do paciente.

O sonho exerce função compensatória e complementar em relação a nossa personalidade e auxilia na integração dos aspectos inconscientes da psique, visando a autorregulação.

Assim sendo, este trabalho é apenas um contato preliminar com o tema exposto, que, no entanto, abre precedente para pesquisas mais aprofundadas, por tratar-se de um assunto de grande valor na análise junguiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANZ, M. L. V. **Psicoterapia**. São Paulo: Editora Paulus: 1999.
- HOPCKE, R. H. **Guia para a Obra Completa de C. G. JUNG**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- HALL J. A. **Jung e a Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.
- HOUAISS, A. e Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JOHNSON, R.A. **A Chave do Reino Interior**. São Paulo: Editora Mercuryo, 1989.
- JUNG, C.G. **A Natureza da Psique** Vol. VIII/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. Vol. VII/2 das Obras completas. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUNG, C.G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MATTOON, M. A. **Como Entender os Sonhos**. São Paulo: Editora Paulus: 2013.
- PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. Petrópolis: Editora Vozes: 20